

IAN FRASER

ARARUAHÄ

È LIURÈ DÈS REBENTÈS



TODOS JUNTOS SOMOS FORTES



O frio tinha ambição. A tempestade forçava sua natureza até que se perdia nos desejos da própria fome. E para os olhos de quem testemunhava sua ira branca, a essência da neve parecia ser a mesma, o estrago no couro, entretanto, era de outra ordem.

Já não era o mesmo.

O frio ardia como se fosse fogo.

E era nesse cenário inóspito, no topo do Ibaté, no alto mais alto que o homem conhecia, que Batarra Cotuba tentava meditar. Dentro do gigante, nos ouvidos da memória, as palavras de seu mestre, *mboèaguariní* Kacoch Hunahpu, ecoavam.

Toda vitória é um convite para compreender o fracasso. Ao vencedor destina-se a obrigação de entender as razões que o levaram a estar em pé ao fim do duelo, e estudar os deslizos que levaram o adversário a tombar. Uma vitória sem aprendizado é pior que a derrota.

O corpanzil descomunal de Batarra demandava uma vestimenta pesada para protegê-lo das baixas temperaturas. Mesmo confeccionada com camadas de couro de suçuaranas e lhamas e guarás, a indumentária não impedia o vento de Votu e a neve de Tinga, que achavam um jeito de abocanhar a paz do homem.

De pernas cruzadas, o gigante começou a se concentrar na respiração, tentando alinhar sua mente com os desejos da Ibi. Batarra Cotuba já havia adentrado o domínio dos espíritos an-

ARARUAHÁ

tes, havia visto o que se escondia por trás da realidade dos olhos. Lá, no lugar que não era lugar, Awasa'í Quetzalcoatl se apresentou como um novo deus, repleto de promessas e de ameaças de guerra. Aquela experiência, entretanto, só fora alcançada graças aos poderes do chá de ayahuasca, e sem os elixires de uma Majé, a desenvoltura espiritual de Batarra deixava muito a desejar, principalmente quando comparada às suas conquistas no campo da força.

Mas o gigante não era homem de desistir facilmente.

Ele não havia nascido para ser fraco.

E assim, como se tivesse piedade do homem, o frio achou sua calma.

Flocos de neve passaram a cair com preguiça, pintando o vento com uma cor repleta de paz. Um longo assobio, doce e constante, correu pelo topo do Ibaté como um sopro de flauta, musicando o mundo só para os ouvidos de Batarra. O homem aceitou os carinhos do frio e achou na dissintonia de sensações o equilíbrio perfeito para perder-se em si mesmo. Sentiu a Ibi Além fazendo cafuné em sua mente, e a sensação de que o mundo era muito mais do que aquilo que os olhos podiam enxergar o alegrou ao ponto de sorrir. Mas não um sorriso completo. Havia, escondido nos ventos de Votu, algo que incomodava a respiração do gigante. Algo que ele não sabia distinguir ou descrever perfeitamente. A única sensação palpável daquele desagrado era o amarelo ruim que ficava preso no céu da boca.

Ao abrir os olhos, Batarra testemunhou a dança tempestuosa que corria próxima à casa de Majé Ceci. Votu e Tinga brincavam juntas no topo do mundo, criando uma cortina esbranquiçada que encantava os olhos. Só depois de algum tempo

de contemplação, perdido nas belezas do acaso, o *guarini* notou a presença de Izel, sua namorada, que passava despercebida naquele cenário graças à qualidade alva de sua vestimenta, feita com o couro do guará que ela havia caçado ainda criança.

– Votu tem dentes – ela disse tremendo.

– E uma bela mordida – ele respondeu.

– Não se preocupe, meu gigante. Em breve, estaremos no calor bom de Buiagu. Temos nossos *eçapira* e seremos recebidos como *guarini* – disse Izel, que abraçou a carcaça branca que a protegia do frio.

– Eu sei, minha Guarapyrupã.

Batarra Cotuba forçou um sorriso. No entanto, aquele era um *moronguetá* de muitos ontens, e a mulher logo notou que o desgosto esculpido no semblante do amado não era fruto de um sentimento saudosista e tampouco era o desgosto pelo frio: o que o incomodava era um sentimento de caninos mais afiados.

– O que há, meu gigante?

– Estou pensando no tempo que Monâ costurou dentro de todos nós e como os meus amanhãs deveriam ter escorrido de meu corpo. Eu deveria estar na Ibi Além, na companhia de Itzam e Quiabelagayo e Kucumatz e Yum e Akbal e Kacoch Hunahpu.

– Não fale assim. Você recebeu o Ypó e ele salvou os seus amanhãs. Você está exatamente onde Monâ deseja – Izel respondeu com uma insatisfação azeda.

– Há perguntas que berram dentro de mim, minha Guarapyrupã. É verdade que aquele velho de pés virados me deu o Ypó, que salvou minha vida, contudo será que ele sabia que eu seria atacado por Iarateguba? Será que sabia que eu não se-

ARARUAHĀ

ria forte o suficiente sem a pajelança daquele mimo? Será que estamos cegos aos desejos do tempo? Parece-me que nós não somos mais capazes de vê-los ou senti-los, como se fôssemos brinquedos nas mãos dos deuses.

– Seus pensamentos me parecem confusos.

– Pense naquele *capanema* magro e fraco e despreparado que nos salvou.

– O que tem ele? – Perguntou Izel, que testemunhou o sacrifício do *capanema* chamado Obiru.

– O que aconteceria ao *capanema* se recebesse o Ypó?

– Nada muda o *aman paba*, meu gigante.

– Eu sei... Nada deveria mudar um *jucá mairaré* também, no entanto, aqui estou. Senti a Ibi Além me abraçar, mas o Ypó me prendeu aqui.

– Sabe o que acho disso tudo? – Izel perguntou.

– O quê?

– Eu não me importo com as respostas dessas perguntas. O importante é que você está aqui. O resto é suspiro jogado ao ar. Ro haihu, é só isso que importa.

– Você está certa – ele respondeu. – Ro haihu.

– Então, nada mais de costas curvadas – Izel sorriu, tentando esquentar o *exanhé* de seu amado.

– Você se lembra do dia em que eu venci minha primeira partida de ulama-ariti?

– Claro. Foi o dia em que você criou os Itámemy – Izel respondeu, referindo-se ao nome que Batarra Cotuba deu ao seu time.

– Eu vi coisas no ritual de preparação, minha Guarapyrupã. O chá de ayahuasca me revelou coisas que até hoje me ator-

mentam.

– Não se deve falar sobre as visões do chá, Batarra.

– Eu sei, entretanto me sinto confuso – Batarra coçou a cabeça. – Talvez seja apenas o fardo do *jucá mairaré* pesando sobre mim. Talvez seja só cansaço. Não sei...

– Talvez.... Talvez seja isso tudo misturado. Eu acho que é o frio. Toda essa neve não faz bem ao *exanhé*. Ela congela os pensamentos felizes.

Izel sentiu um tremor descer do topo de seu pescoço até a ponta dos pés. Ela estava farta de esperar; queria descer a montanha e continuar seu caminho de volta a Mboitatikal, terminar de uma vez por todas com o Turunã e começar sua vida *guarini*. Agora que era dona de toda a honra que podia ter, queria rever sua família e mostrar ao pai o Danhonanhet, o seu *eçapira*. Queria sentar-se em volta da fogueira e cantar e dançar como uma verdadeira *guarini*, unir-se em cerimônia com Batarra Cotuba, ter seus filhos e, quem sabe, tornar-se uma *mbo'èaguarini*. Os seus sonhos, contudo, teriam que aguardar os caprichos de Tinga e de Votu, que castigavam o topo do mundo e impediam uma descida segura.

Não muito longe dos namorados, no calor do lar de Majé Ceci, Apoema provava a reclusão das lagartas. Envolta em um casulo de silêncio, a *guarini* remoía suas dores e via a cor de sua luz sangrar. O tempo dividido ao lado de Eçaí havia sido breve, nada mais que um suspiro, no entanto, juntos, eles mergulharam no *moronguetá* e descobriram profundezas antes nunca exploradas. Ela havia encontrado algo que nem sabia que procurava. E por mais que odiasse presunções de sofrimento, ou fatalismos inocentes, pensar que ela era destinada a viver uma centena de

Motirõ sem a luz vermelha de seu amado lhe doía o *exanhé*.

Ao perfurar o couro de Eçaí com sua adaga, Urquchillay Ch'aska havia roubado muito mais do que um coração palpitante, havia roubado de Apoema a chance de viver seu *aman paba* ao lado de quem desejava. E o pensamento que mais zunia em sua mente era o fato de que ela sabia que ainda havia muito para descobrir naquele *moronguetá*, que seu *exanhé* ainda descobriria novos prazeres e sua boca, novas formas de sorrir. Agora, tudo que restava do amado eram lembranças, saudades e o Guayitié, a semente que Eçaí carregava consigo. E para a mulher cujos sonhos revelavam os segredos dos amanhãs, tudo que Apoema desejava ao fechar os olhos era reviver as migalhas dos ontens que viveu ao lado do namorado.

– Você quer comer algo? – Ook Séeb perguntou ao se ajoelhar ao lado de Apoema, que estava sentada em frente à lareira da casa de Majé Ceci, contemplando a madeira a crepitar.

– Não obrigada, Ook – ela respondeu, forçando um sorriso.

– Tudo que eu queria agora era enfiar o Mo'ol no peito da desgraçada – ele disse referindo-se a Urquchillay Ch'aska.

– Sujar suas mãos apenas te tornaria em uma outra versão dela. O vermelho de Eçaí não sairá das mãos dela, que para sempre será Pytã-po – Apoema disse sem nenhum traço de dúvida nos lábios.

Ook Séeb não era estranho ao sentimento que seguia o *jucá mairaré* de uma pessoa amada. Quando jovem, ainda em seu treinamento *guarini*, Ook perdeu seus melhores amigos em um ataque de Iarateguba, sendo um deles Dzuuy Há, o dono de seu *moronguetá*. Muitos *Motirõ* se passaram desde o ataque, mas ele jamais esqueceu aquele dia, como se aquele momento tivesse se

desgarrado do tempo, acompanhando-o aonde quer que fosse – uma sombra que não dependia de luz para ser projetada. O *guarini* sentou-se ao lado de Apoema e se pôs a admirar a pequena fogueira que esquentava o lar da mãe de todas as Majé. Apoema descansou a cabeça no ombro do companheiro de Turunã, tentando não se afogar por completo no casulo de sua solidão. Ook pensou em dizer algo bonito sobre Eçaí, enaltecimentos que ecoariam na Ibi Além e fariam o amigo sorrir, porém a simplicidade daquele momento roubou todas as palavras de seus pulmões.

Os dois ficaram em silêncio, pois as chamas diziam tudo por eles.

Do outro lado da casa, sentindo-se culpado pela dor que apagou a cor da luz de Apoema, Kaluanã amolava a lâmina de ferro do Tupi Ugûy enquanto ponderava sobre a qualidade cruel do tempo. Não fosse a coragem de Eçaí, pondo-se em frente à adaga de Urquchillay Ch'aska, ele teria perdido seus incontáveis amanhã. Estaria na Ibi Além, mas Apoema ainda teria o seu *moronguetá*. Uma troca que ele não conseguia tirar da cabeça.

Naquele momento, o que Kaluanã mais queria fazer era andar até o canto mais escuro da casa e espancar a culpada por todo aquele pesar, arrancando de seus lábios o nome da pessoa que ordenou o ataque – e quem sabe alguns dentes também. Mesmo sem uma confissão de Urquchillay, Kaluanã estava certo de que *payni* Jupi estava por trás do atentado. Sua convicção, contudo, não era o suficiente para que medidas drásticas fossem tomadas uma vez que retornasse a Mboitatikal. O atual *payni* era um homem venerado, e Kaluanã temia que nem mesmo provas concretas seriam suficientes para roubar Jupi de seu po-

der.

Kaluanã precisava de um plano.

Havia, também, um agravante que complicava sua vida: mesmo que conseguisse achar provas contra Jupi, Urquchillay certamente trataria de inocentá-lo, mesmo sob ameaça. *Isso se ele não tentar roubar meus amanhãs na caminhada de volta*, pensou Kaluanã. A ambição de Jupi não tem tamanho. *Ele fará de tudo para impedir que eu retorne, concluiu o futuro payni. Terei de dar um fim aos seus dias de alguma forma.*

Cuidado com os sentimentos que brotam dentro de você, Kaluanã. A raiva é um sentimento que deixa os olhos apertados em desconfiança. Com o passar do tempo, depois de muito apertar os olhos, eles acabam se fechando e você fica cego para outras verdades.

Majé Ceci falou só com ele.

No fundo de sua luz, Kaluanã sabia que desejava vingança. Ele queria pintar o chão de Mboitatikal com o vermelho de Jupi, e tal constatação o encheu de vergonha. O guerreiro se viu vítima de seus próprios impulsos, desejando, novamente, ter a paz e a plenitude de Caturama, homem que ele considerava ser o verdadeiro *exanhé* digno de liderar os sete povos.

Mas ele não era Caturama.

Ele era Kaluanã.

E isso, para o bem ou para o mal, teria de ser o bastante.

– Eçaí era um bom homem – disse Najoch Su'uk ao se aproximar de Kaluanã, oferecendo ao companheiro um pouco de mingau de tipí'óka.

O *guarini* pegou a tigela e examinou a papa branca e amarelada.

– Não se preocupe, não está envenenada – brincou Najoch, melando um dos dedos com a pasta e levando-a até a boca.

– Batarra te contou?

– Izel.

Kaluanã levou a tigela de madeira até os lábios e provou o mingau. A consistência era grossa, enchendo a boca com sabor, e o calor que desceu pela garganta era exatamente o que precisava naquele momento.

– Você realmente acha que *payni* Jupi é o responsável pelas ações de Urquchillay Ch’aska? – A mulher perguntou.

– Tenho certeza.

– E o que fará quando chegarmos a Mboitatikal?

– Nada. Qualquer ação que eu tome contra *payni* Jupi apenas acirrará ainda mais as tensões entre os filhos de Aram e os filhos de Airequecê. Eu tenho de ser esperto, anular os poderes dele aos poucos. Muitos ontens nos separam de nossas antigas vidas, *guarini* Najoch. Tenho certeza que muita coisa mudou durante o nosso Turunã. Herdarei de *payni* Jupi muitas desavenças e muitos problemas a serem resolvidos. Não posso ser tolo e ignorar as barreiras que nos separam.

– Ele será um dos sábios que estará ao seu lado em todos os rituais. Ele será seu maior conselheiro em Mboitatikal. Conseguirá viver com um inimigo tão próximo de você?

– Acredite, é mais fácil do que você imagina. – Kaluanã encarou Urquchillay Ch’aska, que permanecia amarrada no outro lado da casa.

– E o que faremos com ela?

– Eu irei levá-la a Mboitatikal. Quero ver a expressão de Jupi quando perceber que seu plano falhou.

ARARUAHĀ

Najoch Su'uk virou a tigela e tomou um pouco do mingau.

– E o que acha que ele fará com ela?

– Irá oferecê-la como *teçá*, com certeza.

– Uma morte honrada para uma pessoa sem honra – respondeu Najoch, com a língua repleta de cuspe e de ressentimento.

– Eu não me importo com Urquchillay Ch'aska. Importo-me com Jupi e com os desentendimentos entre as nossas tribos. Algo grande está por vir, *guarini* Najoch – disse Kaluanã, reverberando as palavras de *payni* Caturama. – Algo que pode mudar tudo.

A porta da casa abriu em um soco violento, permitindo que centenas de flocos de neve invadissem o recinto. Coberto pelo choro de Tinga, o rosto de Izel demonstrava apreensão.

– Algo se aproxima – alertou a guerreira, que tinha seu maquahuitl em mãos.

Todos se levantaram e correram em direção as suas armas, mas logo escutaram a voz encantada de Majé Ceci.

Não há motivo para alardes. As luzes que se aproximam são amigas. Luzes que buscam seus *eçapira*.

– Outros *mitanguarini!* – Exclamou Ook Séeb.

Os *guarini* se juntaram a Izel e a Batarra no lado de fora da casa de Majé Ceci, encarando a tempestade branca que assolava o topo da Ibi. Uma sombra distante pintava discretamente o horizonte leitoso, vagarosamente ganhando tamanho ao mesmo tempo em que se aproximavam do grupo.

– Essa sombra não é de um *mitanguarini* – disse Izel, a única que permanecia com seu maquahuitl em punhos.

A cada passo dado, o vulto ganhava volume, e em pouco

tempo, todos os *guarini* tinham suas armas em mãos novamente. Batarra Cotuba, com seu tamanho descomunal, logo percebeu que se tratava de um ser grandioso, quase tão grande quanto o próprio.

– Que ameaça é essa? – Ook Séeb perguntou.

Lembranças do confronto com Iarateguba invadiram a mente de todos, que prontamente se alinharam em posição de combate. A imagem do corpo inerte e pálido de Eçaí ainda pesava sobre cada um dos guerreiros, enchendo suas luzes com uma sede vermelha. E ninguém sofria mais com essa sede do que Apoema, que buscava qualquer desculpa para sentir algo que não fosse tristeza. Se o calor do combate era a única forma de se esquentar naquele dia, que assim fosse.

Por trás da cortina branca que tremelicava no topo do Ibaté, uma figura estranha montava no lombo de uma imensa capivara, cuja respiração quente e pesada criava volumosas nuvens de vapor. Ao lado do animalaço, dois vultos menores caminhavam a pé, ambos com armas em mãos. Apoema, que tinha a visão mais apurada, abaixou o ankangatu e afrouxou a linha – se tratava, realmente, de um grupo de *mitanguarini* em busca de seus *eçapira*.

Majé Ceci finalmente acompanhou o grupo no lado de fora da casa. A velha curandeira, que não sofria com os castigos do frio ou do calor, trajava robes finos e puídos, que balançavam violentamente com os ventos valentes de Votu.

*Hoje, mais do que nunca, amizades parecem nascer
com armas em mãos e espíritos nervosos.*

O *mitanguarini* que caminhava montado na enorme capivara tinha o rosto coberto pela carcaça de uma suçuarana

preta, conferindo ao homem uma aura imponente. Ele pulou do lombo do animal e se juntou ao resto de seu grupo. Os três estranhos se aproximaram de Majé Ceci e beijaram seus pés em sinal de respeito. A velha acariciou as cabeças dos *mitanguarini* e retornou ao conforto de seu lar em silêncio. O homem que trajava o couro de suçuarana se ergueu e caminhou em direção a Najoch Su'uk com passos acelerados. Ele retirou a vestimenta que cobria sua face e revelou uma felicidade repleta de dentes.

– Najoch!

– Apo-Mayta – o nome escapou de seus lábios em um suspiro.

Os dois dividiram um abraço apertado. Apo-Mayta segurou a cabeça da amiga e encarou o rosto que há mais de um *Motirō* não via.

– Como é bom te reencontrar.

– Somos gotas de chuva – respondeu Najoch Su'uk. – Esses são os amigos que o Turunã me deu – ela apontou para os outros.

– Um grupo grande.

– Dois grupos que se tornaram um. Perdemos muitos amanhãs no caminho.

– Nós também – Apo-Mayta virou-se e encarou os dois companheiros que ainda restavam em seu grupo. – Dividiremos nossos nomes e nossas histórias tristes no calor do lar de Majé Ceci, não?

– Sim – respondeu Ook Séeb, intrometendo-se na conversa alheia. – Ninguém merece esse frio todo.

Apo-Mayta andou até a imensa capivara e acariciou seu focinho. O animal retribuiu o afeto, roçando sua bochecha no

ombro do guerreiro.

– Cajuru, meu amigo, eu já volto.

Ao adentrar a casa, Kaluanã notou que o interior parecia ainda mais espaçoso agora que o número de visitantes havia aumentado. A mãe de todas as Majé se ausentou do recinto enquanto o resto do grupo de Apo-Mayta retirava as vestes que cobriam suas faces. Logo, todos os olhos se voltaram para Nelli Ehecatl, que já esperava tal reação. A pele que cobria seu corpo era escamada, com tons que variavam entre a esmeralda e o jade, os olhos tinham escleras amareladas com finos traços pretos como íris, e seu rosto era desprovido de nariz, apenas dois orifícios cavados logo acima dos lábios. A mulher sorriu para as expressões boquiabertas que a cercava, revelando suas pequenas e afiadas presas.

À primeira vista, parecia mais cobra do que mulher.

– Essa é Nelli Ehecatl, de Mboitatikal – apresentou Apo-Mayta, tentando evitar o constrangimento de sua amiga. – Esse ao meu lado é Cocijo Huehuateotli, de Itaperuna, e eu me chamo Apo-Mayta Khuno, de Tucuruí.

Os olhos de Apoema se voltaram para o *mitanguarini* de nome Cocijo, apenas pelo fato de que ele vinha da mesma tribo que Eçaí. Uma torrente de perguntas começou a inundar seus pensamentos, desejando reencontrar, nas palavras de um estranho, o que havia perdido. Mas ela preferiu permanecer calada, esperando o momento apropriado para saciá-las.

– Éramos seis quando deixamos o Araxá Ariranha – concluiu o homem, com olhos voltados ao chão. – Perdemos no caminho Quinuama Viracocha e Yáax Núuk, ambos de Atibaia, e Yaotl Tlanectic, de Buiagu.

ARARUAHĀ

– Nós conhecíamos Yaotl – disse Batarra Cotuba. – Um bom lutador de muramunhã.

– Eu conhecia Yáax Núuk e Quinuama também – Ook Séeb respondeu com uma voz falhada. – Já participei de algumas corridas com elas. Sempre achei que Quinuama fosse se tornar uma das sábias mais respeitadas de Atibaia.

– Ela foi uma boa líder – respondeu Nelli Ehecatl. – Tínhamos nossos desentendimentos, mas ela era esperta e forte.

– Nosso grupo também perdeu muitas luzes – Izel estava encostada em uma das paredes da sala, de braços cruzados e com olhos semicerrados. – Perdemos quatro amigos de Buiagu na caminhada: Kucumatz Nohock Ek, Quiabelagayo Bahpu, Yum Akbul e Itzam Tzacab. Isso antes de Kaluanã juntar os grupos, claro.

Ook Séeb se aproximou das chamas da lareira, buscando alento no calor que emanava.

– Nosso grupo perdeu Kurumã e Keamuka, de Ivituruí, Opira, de Otinga e Eçaí, de Itaperuna.

As pernas de Cocijo Huehuetotli falharam e o homem precisou sentar.

– O filho de nosso *abaetê* caiu?

– Sim – respondeu Kaluanã.

– *Abaetê* Huitzilopochtli fazia questão de falar que o filho não era preparado para o Turunã. Que ele perdia o tempo fugindo das aulas e dos treinamentos e que isso custaria os seus amanhãs. Bem... parece que ele estava certo.

Certas emoções têm paciência de árvore: tomam o seu tempo para crescer e amadurecer. Das sementes vêm as raízes, das raízes os rebentos, dos rebentos as folhas e os frutos. São emo-

ções encadeadas e com devoção aos ciclos da prudência. Outras emoções têm espírito de vulcão e pouco se importam com a cadência de Monã: explodem e queimam tudo em questão de um suspiro. E foi assim com o sangue de Apoema ao escutar as palavras de Cocijo. A mulher pulou em cima do homem como uma serpente aplicando o bote, levando as mãos ao pescoço do homem, apertando-o.

– Retire o que disse, *mitanguariní* Cocijo! Você desonra o nome de Eçaí!

Kaluanã avançou e segurou o braço de Apoema, cujos músculos estavam todos tensionados, preparados para tirar o ar de dentro de Cocijo.

– O que deu nela? – Perguntou Apo-Mayta, que estava pronto para intervir, não fosse Ook Séeb, que se colocou entre ele e Apoema.

– A luz de Eçaí não se apagou por despreparo ou pelo verde de Cajaty – respondeu Kaluanã, tirando Apoema de cima de Cocijo. – Os seus amanhãs foram roubados por uma adaga de pedra. Ele salvou seu futuro *payni*, *mitanguariní* Cocijo. Suas palavras foram ingratas à coragem de seu irmão de aldeia.

Apoema se afastou do grupo, indo para seu canto.

– Uma adaga? – Perguntou Apo-Mayta, guardando seu *cuauhololli*. – Vocês enfrentaram um *anhangüera*?

– Não – respondeu Najoch Su’uk. – Temos uma traidora conosco.

– Traidora? – a voz de Nelli Ehecatl se fez ouvida. – Quem?

Do outro lado da sala, amarrada a uma cadeira de ossos, Urquchillay Ch’aska evitava encarar os novos rostos que adentraram o lar de Majé Ceci. O semblante desgostoso, que primei-

ARARUAHĀ

ramente parecia ser apenas a vergonha do *jucá mairaré* cometido, escondia motivos ainda mais obscuros: enquanto o resto de seu grupo estranhava a figura viperina de Nelli Ehecatl, Urquchillay a conhecia bem.

As duas dividiam ontens vermelhos.

Nelli Ehecatl se aproximou de Urquchillay, seus olhos impassíveis de emoção. A mulher serpente se abaixou e encarou a humilhação que trepidava pelo rosto da conterrânea.

– Sabem quem ela é, correto? – Perguntou Nelli.

– Sim – respondeu Izel Pachacutec. – Urquchillay Ch’aska, filha adotiva de *payni* Jupi.

– Vocês se conhecem? – Ook Séeb se aproximou das duas.

– Muito bem. – Nelli Ehecatl se levantou. – Ela roubou os amanhã do filho do *abaetê* de Itaperuna?

Kaluanã assentiu.

– Quando foi isso? – Apo-Mayta tentava compreender o que havia acontecido com aquele grupo de estranhos.

– Ontem – respondeu Ook Séeb.

– Ontem? – Repetiu Cocijo Huehuetotli. – No mesmo dia em que o céu chorou fogo?

As palavras de Cocijo atravessaram os *guarini*. Desde os seus nascimentos, cada um deles, independente da tribo ou deus adorado, conhecia bem as histórias da guerra divina. O *yamí ybapiranga* era uma promessa que vivia no horizonte do tempo, uma ameaça presente no eterno amanhã.

Não se assustem, meus queridos. Sim, o firmamento foi cortado por fogo, um dos primeiros sinais do yamí ybapiranga. A guerra divina está chegando, esta é a verdade, contudo não devemos nos precipitar. O medo

cega nossas ações. E na escuridão da ignorância, presumimos que tudo que é estranho seja um inimigo. Mas amizades também nascem na escuridão.

Majé Ceci retornou de seus aposentos carregando uma sacola volumosa em suas mãos. Os seus passos eram sem pressa, caminhando em direção ao grupo liderado por Apo-Mayta.

Há muitos Motirō, uma fumaça amarela cobre o tempo. Uma guerra se aproxima e nós temos de nos preparar. Filhos de Aram, filhos de Airequecê, independente de sua tribo, somos todos filhos da Ibi, somos todos filhos de Monâ. Somos irmãos, mesmo sendo estranhos.

A velha curandeira deitou a sacola em cima da mesa e retirou os três *eçapira* que restavam. O primeiro item era um escudo grosso, feito com madeira de sumaúma, e com detalhes vermelhos, pintados com tinta de urucum.

Esse é o to'bal, o escudo da mata. No verde de Cajaty, ao segurar o to'bal, você estará seguro.

Majé Ceci entregou o escudo a Apo-Mayta e continuou seu caminho até Cocijo.

Para Cocijo Huehuateotli, eu entrego o apepüera, a concha que grita calor.

O mimo entregue por Majé Ceci era uma concha repleta de manchas marrons e brancas. O instrumento tinha uma de suas extremidades cerradas, que transformava meros sopros de pulmão em verdadeiros urros de tufão. Cocijo recebeu seu mimo e beijou os pés de Majé Ceci novamente.

E, para finalizar, Nelli Ehecatl, que conhece a peçonha dos olhos, eu dou o boq'wäch, o desinteresse da visão. Ao usar esta capa, você não será percebida.

ARARUAHĀ

Sobre as mãos escamosas de Nelli Ehecatl, Majé Ceci depositou uma capa feita em tecido verde, de toque agradável, e ideal para se proteger do calor de Aram. Assim que amarrou a vestimenta em volta do pescoço, sentiu o poder da forte paje-lança: os olhos dos companheiros logo se viram interessados em outras coisas, ignorando-a como se lá ela não estivesse.

A velha sorriu e retornou para o seu quarto, deixando os *guarini* sozinhos.

– Temos os nossos *eçapira* – disse Apo-Mayta para seus amigos.

– Sim – respondeu Nelli Ehecatl, assustando Ook Séeb. Graças ao boq'wäch, ele não havia notado que a mulher estava ao seu lado. – Só nos resta voltar para casa – ela disse retirando a capa sobre seu corpo.

– Vocês ouviram o que Majé Ceci disse – os olhos de Cocijo miravam Kaluanã. – O firmamento realmente sangrou fogo.

– Sim – respondeu Kaluanã. – Temos os primeiros sinais do *yami ybapiranga*. Não tenho dúvida que cada um de nós está pensando em nossos irmãos de aldeia, nas pessoas que nós respeitamos e queremos bem. Estou certo de que nossas aldeias não serão as mesmas que deixamos no dia que o Turunã iniciou, que nossos desentendimentos, sejam eles quais forem, estarão exacerbados e que muitos amanhã ainda serão perdidos. Quando me tornar *payni*, eu asseguro: exterminarei nossas desavenças. Nossa maior força é através da união.

– É mesmo? – Perguntou Izel Pachacutec com um sorriso insolente. – Como é que pretende fazer isso exatamente, Kaluanã? Você realmente acredita que algumas palavras suas apagarão eras e eras de desentendimentos? Que, porque você

abriu a boca, nós iremos todos dançar e cantar juntos? Você precisa acordar para a verdade dos nossos povos, Kaluanã. Precisa aceitar a verdade do homem.

– E qual é a verdade do homem, Izel? – Kaluanã mordeu a isca da guerreira.

– Vivemos pela fome. Vivemos pela carne e pelo sangue. A única paz que você pode encontrar é aquela que aceita os termos e as condições da fome. É ela que realmente impera sobre todos nós.

– Ele será *payni*, Guarapyrupã, e a voz dele terá de ser escutada – rebateu Ook Séeb.

– A voz dele de nada servirá quando os *guarini* começarem a bradar seus gritos de guerra – respondeu Najoch Su'uk. – A guerra entre Aram e Airequecê está sendo tramada há muitos *Motirô*. Desde o berço, escuto histórias de como Aram é cruel e cobiçoso, tenho certeza que vocês devem ter escutado algo semelhante sobre Airequecê em Buiagu.

– Sim – concordou Batarra Cotuba. – Há muito ressentimento para com a mãe do frio em nossa aldeia. Kaluanã está certo, precisamos de prudência.

A ameaça de Awasa'í Quetzalcoatl, a divindade que surgiu nas visões do chá de ayahuasca, ecoou no silêncio do gigante de Buiagu. Palavras que revelavam um futuro sombrio e repleto de mudanças.

Um novo mundo chamado Araruama.

– Essas conjecturas não nos levam a lugar algum – disse Cocijo. – Um homem que acha que sabe o que fará no amanhã é um tolo. Ao dormir, morremos, ao despertar, nascemos um novo ser. E o que eu sei agora é que a subida até aqui não foi fácil,

precisamos descansar.

– É verdade – disse Apo-Mayta. – Teremos tempo para planejar nosso retorno amanhã.

– Isso se Tinga e Votu deixarem – concluiu Izel.

O grupo de *guarini* se dispersou, cada um procurando seu canto de silêncio e de paz. A Guarapyrupã andou até a rede de Batarra Cotuba. Ainda era cedo, a noite tardaria a chegar, mas a mulher decidiu deitar-se com o namorado, que logo começou a fazer cafuné.

– Realmente acredita que Buiagu e Mboitatikal aceitarão o *yami ybapiranga* apenas porque nosso *payni* será Kaluanã?

– Não, minha Guarapyrupã. Não acho que será fácil assim. Tenho medo do que iremos encontrar uma vez que retornarmos a Buiagu. Receio o que o amanhã guarda para todos nós. A única coisa que me acalma é o fato de que somos liderados pelo seu pai. Se há um homem honrado e sábio o suficiente para nos guiar em tempos de conflito, esse homem é *abaeté* Teyacapan.

Mesmo na paz do lar de Majé Ceci, os dois não conseguiam escapar da sensação de que muitos amanhãs ainda seriam roubados. Izel encostou o rosto no peito do amado e sentiu os seus músculos a abraçarem. O coração, grande como tudo naquele homem, batia como se fosse um tambor de guerra. O cansaço derreteu a carne de Izel, fundindo-a com o couro do namorado, e no balanço da rede, dois viravam um.

– O que você achou do novo grupo? – Perguntou o gigante.

– Eu ainda não confio plenamente no nosso antigo, quem dirá nesses novos estranhos.

Em pouco tempo, o silêncio se espalhou pela casa. Um a um, os *guarini* se entregaram às areias dos sonhos, buscando

nas quimeras de rede alento para a realidade que mastigava o corpo. Deitada em seu canto, Apoema lutava contra o peso dos olhos, que ardiam, cansados de tanto enxergar. O corpo queria desmanchar, se aventurar pelos vales e abismos do irreal, mas a mulher negava se entregar, temendo aquilo que os sonhos podiam revelar. Não queria sonhar com os segredos dos amanhãs, receando ver a brutalidade da guerra, tampouco queria sonhar com as memórias dos ontens, pois se afogaria na desolação da saudade. O que Apoema realmente desejava era um sono insípido, apenas o breu dos olhos fechados e o silêncio de uma mente quieta.

E foi isso que ela teve.

Quando somente o crepitar da lareira e os roncoss de Batarra se faziam ouvidos, um vultoss se arrastou pela sala, passando pelas redes estendidas sem pressa ou aflição. Nem mesmo os olhos abertos e bem treinados de Kaluanã, que não conseguia dormir, foram capazes de testemunhar a movimentação da figura indistinta. Ao se aproximar de Urquchillay Ch'aska, a sombra se agachou e com um tapa rancoroso acordou a prisioneira.

– Olá, Ch'aska – disse Nelli Ehecatl, removendo o boq'wäch. – Olhe só como o tempo de Monã é curioso: ontem, você era uma fogueira em chamas, queimando em orgulho. Hoje, não passa de cinzas ao vento.

Nelli, Nelli, que assusta o povo.

Nelli, Nelli, nascida de um ovo.

Afortunados eram os homens e as mulheres que nasciam com partes de animais. Tratava-se de uma dádiva rara, e, portanto, apreciada. Não à toa, quando uma criança nascia com tal particularidade, ganhava notoriedade na aldeia e, em alguns ca-

sos, fora dela também. Fora assim com Eçaí, que, graças às suas orelhas de jaguatirica, era paparicado pelas moças e tido como o mais belo homem das setes aldeias. Fora, igualmente, o caso de *guarini* Wariwa Neh, que havia nascido com mãos de garça. No dia do seu décimo quinto *Motirõ*, quando Wariwa Neh deixou de ser criança e passou a ser chamada de mulher, todos os homens descompromissados da aldeia a pediram em casamento. Lendas antigas contavam de um *guarini* chamado Chican, nascido com pés de tapir, que era capaz de seduzir qualquer mulher quando dançava. Diziam que seus passos ressoavam uma melodia encantada, impossível de resistir.

No entanto, na aldeia de Mboitatikal, Nelli Ehecatl aprendeu que toda regra tem sua exceção.

Às margens do rio Usumacinta, um grupo de *pindara* encontrou um berço feito com galhos de pitombeira que vagava silenciosamente pela correnteza. Ao retirar os panos que envolviam o ninho rudimentar, os pescadores se assustaram com que encontraram: uma criança como nenhuma outra. Seu corpo era coberto por escamas verdes, seus olhos amarelos como o brilho de Aram, presas ao invés de dentes, e sem nariz.

Parecia ser mais cobra do que bebê.

Assombrados pela aberração, os *pindara* levaram a criança até *payni* Caturama, para que ele pudesse ponderar sobre o futuro daquela *coisa*. Ao segurar a criança em suas mãos, Caturama notou o toque frio de suas escamas, uma consequência óbvia do sangue de serpente que corria dentro da menina. O bebê, entretanto, aconchegou a cabeça entre o braço e o peito do *payni* e dormiu, emitindo um ronco sibilar e inocente. Caturama, que nunca havia gerado um filho, se viu arrebatado por tal simples

gesto de confiança.

Jamais ignore o poder da inocência, passou a proferir o velho depois de conhecer a bebê cobra. *Para um coração honesto, a inocência é tão doce quanto o mel.*

O sorriso do *payni*, no entanto, sumiu ao ver as reações de desgosto e de repúdio esculpidas nos rostos dos homens e das mulheres que trouxeram a menina. *O que faremos com essa coisa?*, perguntaram. *Bem, primeiro, ela precisa passar pelo ritual do aman paba. Depois, devemos encontrar uma família para acolhê-la*, respondeu Caturama.

Cento e um *Motirō*. Este foi o *aman paba* dado à menina-serpente, como ficou conhecida a bebê em Mboitatikal. Era um bom *aman paba*. A tornaria uma futura *guariní*. Mas nem mesmo a promessa de ser dona do mais alto epônimo conferido às mulheres reverteu o azedume nos olhos das pessoas quando conheciam a garota. Caturama, sábio como era, tentou criar um misticismo por trás do nascimento da menina, chegando a sugerir que dentro dela talvez corresse o sangue do boitatá. Mas o homem é um bicho que primeiro come pelos olhos, e nem mesmo as histórias de Caturama a salvaram do desdém e da repulsa. Sem ter quem quisesse adotá-la, Caturama levou a menina até o único homem que seria incapaz de negar o afeto que ela tanto merecia: *pindara* Yakuntik.

E assim foi: em uma tarde repleta de cansaço, enquanto Caturama e Yakuntik dividiam carícias em uma rede, Nelli Ehecatl recebeu seu nome.

Yakuntik era um pai atencioso e afetuoso, porém, faltava-lhe a disposição dos jovens para acompanhar de perto o crescimento da filha. Era velho, e as pernas e os olhos já não tinham

mais a força de outrora. Sabia que a filha sofria com os comentários maldosos, principalmente quando passeava sozinha pela aldeia, no entanto, ele jamais teve real noção das duras batalhas que a menina enfrentava no interior da própria mente.

Nelli, Nelli, que assusta o povo, gritavam as crianças quando a viam. Nelli, Nelli, nascida de um ovo.

Os hematomas espalhados por seu corpo escamado eram provas de que as ofensas iam além das palavras e das línguas afiadas. E por mais que os cortes e os machucados preocupassem Yakuntik, o que ele realmente temia eram as consequências e as mazelas que o desprezo teria no *exanhé* da filha, que, a cada *Motirō*, se tornava mais e mais retraída.

Tolo é o homem que respeita a lança, mas é imprudente com a palavra. Lanças perfuram a carne. Palavras perfuram o exanhé, Yakuntik disse para a filha após um ataque covarde de seus colegas de treinamento. O estrago da lança é fácil de notar, deixa hematomas e sangue derramado. A palavra é precisa e não deixa rastros de sua dor. Palavras matam um coração que continua a bater.

Com a chegada da puberdade, os vulcões que viviam dentro dos *mitanguariní* entraram em erupção, e logo a vaidade começou a ser o assunto predileto entre os jovens, que passaram a enfeitar seus corpos com penas e pedras e colares e anéis. E para Nelli não fora diferente: seu corpo também demandava afeto e seu *exanhé* desejava companhia. A menina descobriu seu bem-querer em um *mitanguariní* chamado Chich Pak. Foi quando Nelli Ehecatl começou a andar com vestimentas mais pesadas, que cobriam inteiramente seu rosto e seu corpo. Ela queria ser notada e passar despercebida ao mesmo tempo.

Chich Pak era um *mitanguariní* focado e determinado, que

não gostava de perder seu tempo com brincadeiras ou troças, preferindo dedicar sua energia ao aperfeiçoamento do corpo. Ao longo dos *Motirō*, as poucas palavras que os dois trocaram sempre giraram em torno dos treinamentos e das técnicas de combate.

Ela queria mais, mas o pouco que recebia a contentava.

O desequilíbrio de sentimentos naquela relação era óbvio para todos, principalmente para Urquchillay Ch'aska, que ria de forma feia ao testemunhar o fracasso de Nelli Ehecatl. Enquanto os outros colegas *mitanguarini* pareciam desdenhar da menina-serpente por sua aparência anormal, o sentimento de Urquchillay se aproximava a uma animosidade feral, um ódio que saía do umbigo.

Havia mais ali do que a simples mediocridade humana.

Nelli Ehecatl pouco se importava com os comentários e os risos de Urquchillay, afinal, sua voz era apenas mais uma no coro de bravatas torpes e cruéis. Isso só mudou no dia em que ela recebeu a notícia do *jucá mairarê* de Caturama, cujos amanhãs foram roubados durante uma viagem à aldeia de Ottinga. O *payni* sempre fora uma presença bondosa em sua vida, o companheiro de palavras sábias e de olhos carinhosos. Sempre que podia, Caturama aproveitava o pouco tempo livre que tinha para ficar na companhia de Yakuntik e de Nelli, dividindo com os dois, mesmo que brevemente, a felicidade de ser ordinário, apenas mais uma família sobre a Ibi.

O sentimento honesto não precisa dos olhos para ser completo. Colocamos penas nos cabelos, furamos nossas orelhas e nossos lábios, todavia, a beleza não depende de olhos para existir.

A morte de Caturama mudou Nelli. Nos braços de seu pai,

a menina-serpente chorou pela primeira vez em sua vida. E por mais que a dor da separação fosse devastadora, a menina também chorava pela grande injustiça cometida pelo tempo. Em um mundo repleto de línguas afiadas e de comentários peçonhentos, como poderiam ter silenciado um homem que só conhecia palavras bondosas e carinhosas?

De todas as bocas, por que a calar a boca de Caturama?

Sem respostas que a satisfizesse, Nelli prometeu nunca mais sofrer em silêncio. Cada ofensa proferida passou a ser revivida com vigor e truculência, independente de epônimo ou de idade. Nem sempre saía ileso ou vitoriosa desses embates, mas, aos poucos, as bocas alheias passaram a ter prudência ao proferir o nome de Nelli Ehecatl, principalmente depois que ela descobriu o poder venenoso de sua saliva.

Uma mordida dela e você não levanta por quatro dias.

Em uma tarde de chuva intensa, quando retornava da feira, Nelli foi surpreendida por um grupo de *mitanguarini*. Liderando o bando estava Urquchillay Ch'aska, que, após o silêncio de Caturama, passou a andar pelas ruas de Mboitatikal com um sorriso repleto de soberba – seu pai adotivo era ninguém menos que *guarini* Jupi, o novo *payni*. Nelli se viu cercada por cinco colegas, nada que não pudesse lidar com certa facilidade – seus reflexos naturais lhe conferiam vantagem contra oponentes despreparados. Ela estava pronta para o combate quando Urquchillay revelou o verdadeiro motivo por trás do ataque: Chich Pak desejava fazer parte de sua confraria, e, para tal, teria que humilhar Nelli em um duelo.

Os punhos do rapaz se levantaram e Nelli nada fez.

Ele a levou ao chão e Nelli nada fez.

Os golpes vieram e Nelli nada fez.

Urquchillay riu e Nelli nada fez.

Quando a sede vermelha estava saciada, Ch'aska ordenou que eles deixassem Nelli ali. *Que ela se arraste para casa como uma cobra*, ela disse em um cuspe rancoroso. Deitada na lama, com as carícias de Amanacy caindo sobre suas escamas machucadas, a dor comeu o *exanhé* de Nelli Ehecatl de todas as formas possíveis. Entre lágrimas e gotas de chuva, a menina-serpente viu o semblante envergonhado de Chich Pak.

Desculpe, ele disse ao se levantar.

Nelli nada fez.

Daquele dia em diante, a menina-serpente nunca mais escondeu seu rosto.

– Não olhe para baixo, me encare nos olhos – disse Nelli Ehecatl.

Confinada à cadeira na sala de Majé Ceci, Urquchillay Ch'aska evitava olhar diretamente sua conterrânea, temendo o que poderia acontecer agora que estava indefesa.

– Por que tentou matar nosso futuro *payni*? Foi seu pai quem ordenou, não foi? Eu sempre suspeitei que o *exanhé* de Jupi era podre e corrompido.

– Cale a boca! – Urquchillay esbravejou, lançando saliva e um olhar torpe em direção a Nelli Ehecatl. – Não ouse difamar o nome de Jupi, menina-serpente! Se há uma boca peçonhenta sobre a Ibi, essa boca é a sua!

Os gritos da mulher acordaram os demais *guarini*, que se agruparam em torno da comoção.

– Vocês ainda não perceberam ou são uns *mombo*? O primeiro sinal do *yami ybapiranga* aconteceu no mesmo dia que

Kaluanã recebeu seu *eçapira* e se tornou *guarini* e vocês não acham que os eventos são correlacionados? São cegos, é isso? Ou simplesmente não querem ver o óbvio? Sobre o comando dele, nós conheceremos...

Antes que Urquchillay continuasse com sua bravata, o cabo do maquahuitl de Izel Pachacutec acertou seu maxilar.

– Você fala demais e eu tenho sono. Me acorde novamente e quebrarei seu queixo – disse Izel antes de retornar à rede com Batarra Cotuba.

Mas, em um mero relance, era fácil notar que as palavras de Urquchillay haviam despertado a semente da suspeita. Todos ali eram jovens *guarini*, incapazes de poder interpretar os sinais dos deuses e do tempo. Ao perceber as raízes da incerteza penetrando os *exanhé* de seus companheiros, Ook Séeb sabia que seria tolice deixar as palavras de Urquchillay Ch'aska seguirem sem serem confrontadas.

– Eu não sei o que o futuro guarda para nós. Não sei se meus amigos de hoje serão meus inimigos amanhã. Não sei que consequências o *yami ybapiranga* terá sobre a Ibi. São muitas coisas que desconheço, no entanto há algo que posso afirmar com toda certeza: jamais me deixarei levar pelas palavras da mulher que roubou os amanhã de Eçai.

Algo se aproxima.

A voz de Majé Ceci ecoou na mente de todos os *guarini*, que correram para o lado de fora da casa. O crepúsculo tímido ameaçava engolir a tempestade branca que corria pelo Ibaté, dando ao mundo uma aura de ameaça. Apoema apertou os olhos e viu uma imensa onda sombria caminhando em direção ao lar de Majé Ceci. A distância ainda era muita, mas as tochas

se faziam notadas.

– Uma horda de *anhangüera* – ela suspirou.

– Os miseráveis subiram o Ibaté? – Perguntou Izel, estranhando a presença dos espíritos perdidos.

Agora compreendo o amarelo rançoso que por muito tempo cobre o horizonte do tempo. Vejo claramente.

Eles estão aqui para roubar o tempo que Monâ me deu.

Nenhum *guarini* conseguiu assimilar a triste verdade embutida nas palavras proféticas da velha curandeira. Majé Ceci foi a primeira criação de Monâ, ser que esteve com o homem desde a primeira geração. Nenhum dos *exanhé* ali presentes jamais imaginou a possibilidade de um amanhã sem a presença da velha curandeira.

– Eles escolheram o dia errado, Majé Ceci – Izel Pachacutec segurou o seu maquahuitl, pronta para a batalha.

– Calma – falou Apo-Mayta. – Temos de ser inteligentes. Eles são muitos, nós somos poucos. Precisamos de uma estratégia.

– Eu já enfrentei Kaluanã em uma luta. Respeito e admiro o seu pensamento em batalha – disse Batarra Cotuba, segurando o tacape de pedra.

– Também acredito na mente dele – disse Apoema, *ankan-gatu* em mãos.

– Pois bem, quais são as ordens, futuro *payni*? – Apo-Mayta perguntou.

Kaluanã suspirou profundamente. A batalha que se apresentava era diferente de tudo que havia vivido até o presente momento.

– Certo – ele mirou o nada, convicto de que não seria ali

ARARUAHĀ

que ele e seus amigos tomariam. – Apoema, fique no teto da casa de Majé Ceci. Use todas as flechas com inteligência, os miseráveis só caem quando a cabeça é alvejada. Fique lá até não ter mais o que atirar.

– Nelli também é boa caçadora de distância. Sua zarabata-na é mortal – sugeriu Apo-Mayta.

– Ótimo. Nelli, você fica com Apoema.

– Apo-Mayta, Cocijo, Najoch e Ook, vocês formam uma barreira em frente à porta da casa de Majé Ceci. Izel, Batarra e eu ficaremos na frente de todos, na formação mossapyr mossapira.

Os *guarini* obedeceram aos comandos sem pestanejar.

Posicionado à frente de todos, Kaluanã olhou para a direita e viu o semblante carrancudo de Batarra Cotuba, sedento para testar os segredos fantásticos do itaepára, o *eçapira* que ele havia acabado de receber de Majé Ceci. Do outro lado, Izel tinha seu maquahuítl em mãos, igualmente ávida para o combate. Os demais companheiros de Turunã, no entanto, não pareciam preparados para o confronto como os *guarini* de Buiagu.

Seus amigos precisavam de palavras boas.

– Eles estão vindo roubar os nossos amanhã. Querem tirar a luz de Majé Ceci. Não deixaremos isso acontecer. Eles são muitos, mas nós somos mais. Carregamos em nossa pele todos que vieram antes de nós. Não há escuridão que não seja vencida por uma única chama. E hoje, meus companheiros, as cores de nossas luzes brilharão. Todos juntos somos fortes!

Uma avalanche *anhangüera* surgiu no horizonte. As peles pintadas de preto com traços amarelos se misturavam com a luz crepuscular, descolorindo o mundo que os cercava. A horda

caminhava em uma marcha lenta, acompanhando o ritmo do *anhangüera* que caminhava à frente de todos. O líder era mais alto que os demais, tinha a pele mais amarelada, e carregava em mãos uma lâmina de obsidiana em chamas.

Olhos que cortavam a neve.

O silêncio do topo do mundo foi interrompido por um brado longo e grave, que limpou o firmamento de todas as nuvens pesadas, trazendo o calor de Aram ao Ibaté. Atrás de todos, Cocijo Huehuetotli tinha seus lábios em uma das extremidades da apepüera, o seu *eçapira*.

O estampido não só trouxe o brilho do crepúsculo, bem como pareceu esquentar o *exanhé* de todos os *guarini*.

– Batarra, meu companheiro de Turunã, mostre para esses espíritos perdidos o tamanho de sua ira – Kaluanã disse ao oferecer a Batarra Cotuba a posição de ponta na formação mossapyr mossapira.

O gigante de Buiagu deixou que o corpo tomasse conta das decisões e partiu correndo em direção aos inimigos. O *anhangüera* líder parou sua caminhada e com um movimento de suas mãos ordenou que a primeira onda atacasse.

Quando os inimigos já estavam ao seu alcance, Batarra Cotuba girou os braços e testou a força do itaepára. Cinco corpos foram ar. Notando o poder da arma, tão forte quanto os seus músculos, Batarra Cotuba se viu sem amarras, livre para usar tudo que o seu corpo montanhoso tinha para oferecer. A cada golpe desferido, membros eram separados de seus corpos, pintando a neve com o sangue amarelo dos *anhangüera*.

Kaluanã e Izel seguiram os ensejos do gigante, lutando contra a onda massiva que avançava pelo Ibaté. O fio metálico do

Tupi Ugûy partia as cabeças dos inimigos ao mesmo tempo em que a primeira leva de espíritos perdidos era reduzida a nada. Izel aproveitava a desenvoltura e a agilidade de Kaluanã para acertar os *anhangüera* que tentavam flanquear o trio de *guarini*.

Em momento algum, a formação mossapyr mossapira foi desfeita.

Assim como no ataque a Buiagu, era a força de Batarra Cotuba que equilibrava aquele embate de números desproporcionais. A tática de combate do gigante era simples e rudimentar, mas sua desenvoltura não necessitava de refinamento para fazer estrago. Em meio à luta, o *guarini* percebeu que além de ser extremamente robusta, a nova arma abraçava a sua mão, fundindo pele e rocha em uma coisa só.

O tipo de arma que ele precisava.

A segunda onda de ataque foi ainda mais maciça. Com números maiores, Kaluanã, Izel e Batarra se viram obrigados a recuar um pouco, dando chance para que os outros companheiros entrassem em combate. O primeiro a avançar foi Ook Séeb, que usava o Mo'ol em uma mão e o epáravutu na outra. O seu *eçapira*, à primeira vista, não parecia ter serventia em uma luta, apenas um cabo de madeira, mas ao girar a arma na direção de um inimigo, o *guarini* de Atibaia testemunhou a eficácia que o presente de Majé Ceci podia ter. A arma controlava o vento, cortando a pele dos *anhangüera* como se fosse a mais afiada lâmina de obsidiana.

Apo-Mayta lutava com um cuauhololli feito de osso de capivara e usava o to'bal, seu escudo, para avançar sobre o aglomerado de *anhangüera*, aproveitando a robustez da madeira para se proteger. O número de espíritos perdidos, no entanto,

era demasiado, e o homem logo se viu cercado. Uma lâmina de obsidiana rasgou seu antebraço e um empurrão o levou ao chão. Estava prestes a ser subjugado quando Cajuru, sua capivara amiga, avançou sobre a horda, abrindo caminho entre os inimigos. Apo-Mayta aproveitou o momento e subiu nas costas do animal, balançando o cuauholloli e acertando os espíritos perdidos na altura das cabeças.

No teto da casa de Majé Ceci, Apoema poupava suas flechas. Apenas disparava quando percebia que algum *anhangüera* ameaçava romper a barreira feita por seus amigos. Nelli Ehecatl, que estava ao seu lado, se viu cansada de ficar esperando o inevitável e pulou, correndo em direção ao combate corpo-a-corpo. A mulher-serpente girou sua zarabatana e começou a usá-la como arma, derrubando três inimigos sem dificuldade alguma.

– Ku méejtech uutsill! – o líder *anhangüera* gritou, mandando a horda inteira sobre a casa de Majé Ceci.

O número de espíritos perdidos passou a ser incontrolável até mesmo para o gigante Batarra Cotuba, que se viu obrigado a recuar alguns passos. Izel lutava ao lado de Apo-Mayta, de Cocijo e de Kaluanã enquanto Ook Séeb, Nelli Ehecatl e Najoch Su'uk faziam o melhor para proteger a porta da casa de Majé Ceci. Do alto, com a visão privilegiada, Apoema começou a disparar suas flechas, alvejando os espíritos perdidos que mais ofereciam risco aos seus companheiros.

O calor da batalha preencheu o *exanhé* de Izel Pachacutec, que sentiu o vermelho de seu sangue em chamas. A mulher segurou um dos *anhangüera* com sua mão esquerda e o usou para se defender de um ataque que vinha de trás. Ela pulou por cima do espírito perdido, aproveitando o movimento do corpo,

e chutou o peito de outro inimigo que avançava pela lateral. O movimento, contudo, não foi perfeito, e um dos *anhangüera* a levou ao chão, pronto para atravessar seu peito com uma lança de obsidiana.

Uma flecha certa de Apoema, porém, pôs fim à ameaça.

Foi quando Batarra Cotuba decidiu revidar. As mãos apertaram o tacape de pedra e o gigante sentiu a arma responder ao estímulo. Não era só a arma que falava com o homem, assim como o próprio chão. Os pés vibraram e Batarra compreendeu que, naquele momento, ele era mais do que carne: ele era a própria terra. O gigante de Buiagu bateu seu tacape sobre a neve e o chão se abriu como uma flor desabrochando, levando incontáveis espíritos perdidos à profundidade de Aupaba.

Kaluanã, sentindo que aquele era o momento de medidas drásticas, se deixou levar pela força de Batarra Cotuba e fechou os olhos. O homem sentiu a Ibi subindo pela perna e convocou a sabedoria de seu poder. Incontáveis raízes brotaram de seu corpo avançando sobre a neve e perfurando os corpos dos *anhangüera*, reduzindo o número de inimigos a zero.

A vitória era deles.

Os *guarini* se juntaram e encararam a verdadeira montanha de corpos empilhados e mutilados sobre a neve, agora amarela. Estavam todos machucados, alguns mais dos que os outros, mas estavam vivos e com todos os seus amanhã assegurados.

A Guarapyrupã apertou o ombro de Kaluanã e sorriu.

– Posso não concordar com a força de sua língua, futuro *payni*, mas a força de sua luz é incontestável – a mulher disse.

– Nossa força conjunta garantiu a vitória.

– Kaluanã está certo – Apo-Mayta pulou do lombo de Ca-

juru e começou a enfaixar o corte em seu braço. – Sozinhos, somos gotas de chuva. Juntos, somos tempestade.

– Batarra, você derrubou o *anhangüera* líder? – Perguntou Kaluanã, sentindo o cansaço de usar a pajelança das raízes.

– Não. Izel?

– Também não.

Um a um, os *guarini* viraram, mirando a entrada da casa de Majé Ceci. Nenhuma palavra foi proferida, como se já soubessem o desfecho do combate. O silêncio gritou por uma eternidade até que um estrondo poderoso matou a calmaria que se apossou do Ibaté, lançando uma torrente de luz multicolorida aos céus. A explosão de luz levou todos os *guarini* ao chão, desnorteando-os com a potência do estampido. Do chão, com um zunir constante, Kaluanã notou uma figura cambaleante surgir na porta da casa de Majé Ceci: o *anhangüera* líder havia perdido um dos braços e tentava estancar a ferida com a mão que lhe sobrava. A tinta negra e amarela que cobria seu corpo havia evaporado, e o espírito perdido aparentava ser um homem normal. O *anhangüera* tombou sobre a neve ao mesmo tempo em que todos os *guarini* se levantaram e correram para dentro da casa de Majé Ceci.

Kaluanã mirou a triste figura que agora agonizava sobre a neve.

– Taía Kulkulcán tem fome. – O espírito perdido tossiu, derramando sobre a neve um sangue pútrido, parte amarelo, parte vermelho. – Taía Kulkulcán tem sede. – A voz dele mudou.

Kaluanã correu em direção ao interior da casa. A fogueira, que ardia em um dos cantos, estava apagada e o cômodo central, sem a presença de Majé Ceci, havia diminuído de tamanho,

ARARUAHĀ

perdendo todo seu encanto. Amarrada no canto mais afastado, Urquchillay Ch'aska chorava. Najoch Su'uk se aproximou da mulher e a confortou. Mesmo conhecendo seus erros, mesmo com todo ódio em seu corpo, Najoch sabia que a companheira de Turunã havia testemunhado algo até então impossível de se imaginar.

– Ele roubou os amanhãs de Majé Ceci e eu não pude fazer nada – Urquchillay balançava o corpo para frente e para trás, olhos que encaravam os precipícios da sanidade. – Vocês me prenderam e eu não pude fazer nada...

Todos se voltaram para Kaluanã, esperando que o futuro *payni* tivesse uma resposta.

Ele não tinha.

Era o fim do Turunã.